A Transformação do Tênis em fenômeno midiático no Brasil a partir de Guga

Tiago Lisboa Bartholo
(Universidade Gama Filho)

Antonio Jorge Soares
(Universidade Gama Filho/ Universidade Federal do Espírito Santo)

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar as diferentes estratégias utilizadas pela imprensa para narrar a conquista de quatro títulos na carreira do tenista Gustavo Kuerten (Guga): os três títulos no Aberto da França, *Roland Garros*, nos anos de 1997, 2000 e 2001, e a conquista da Copa do Mundo de Tênis realizada em Lisboa no ano 2000, a competição que consagra Guga como tenista número 1 (um) do mundo, unificando a posição nos dois rankings da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP)[1]. A hipótese aqui levantada é que a imprensa, ao se deparar com um esporte pouco popularizado no Brasil – neste caso o tênis – passa a narrá-lo a partir de uma 'gramática identitária' como forma de emolduramento de significados, tradução e aproximação desse "novo esporte" que ganha subitamente espaço na mídia.

Para a realização deste trabalho foram analisadas 89 (oitenta e nove) reportagens do Jornal do Brasil (JB) – um dos periódicos de maior circulação no Brasil – durante as 4 competições supracitadas. Realizamos leituras exaustivas das reportagens publicadas durante os quatro eventos, no sentido de comparar as mudanças que a imprensa passou a operar na medida em que Guga tornava-se um ídolo nacional. O critério de escolha destes quatro torneios foi devido à relevância que possuem no calendário internacional da ATP. O Aberto da França – *Roland Garros* – é um dos quatro torneios mais importantes do circuito profissional de tênis[2], sendo essa competição a principal no piso de saibro (*clay*). A Copa do Mundo de Tênis, o último evento da temporada anual, é o que proporciona os maiores prêmios em dinheiro aos tenistas,

sendo também a competição mais seletiva, uma vez que recebe apenas os 8 (oito) melhores colocados no ranking da ATP.

Mídia e Esporte

O jornalismo esportivo se diferencia das demais especialidades ao permitir-se um maior relaxamento quanto ao rigor e a objetividade da notícia. Não é raro observarmos locutores esportivos ou cronistas que declaram amor à camisa de seu clube de futebol e narram com paixão as jogadas de seus ídolos.

> "Tanto para o jornalista esportivo quanto para o crítico de arte, a dimensão do gosto e do amor pela atividade ainda parecem ser requisitos fundamentais para o exercício deste tipo de especialidade. Essa é uma tradição que remonta ao tempo de Mário Filho quando dizia aos seus jornalistas que a notícia esportiva deveria vir carregada de emoção e ser "quente": era como se o jornalismo investigativo, a denúncia, não coubessem nas páginas esportivas" (Helal; Soares 2003: 4).

A relação existente entre esporte e mídia – que data desde o final do século XVIII – deve ser entendida como uma via de mão dupla, fomentando transformações em ambos os atores. O esporte quando se torna objeto da comunicação de massa deixa de ser encarado como cultura popular oralmente transmitida para tornar-se cultura de massa com espectadores em massa (Boyle; Haynes 2000).

O peso da história em nossa sociedade invadiu todas as esferas sociais. Memória e história fornecem sentimentos de partilha ou pertencimento, emprestam significados na construção de identidades. Nesse sentido, a mídia tem a necessidade de emoldurar os eventos temporalmente. Por essa razão, jornalistas e locutores esportivos narram os eventos, sempre que possível, emoldurando-os na memória social. De fato, Boyle e Haynes (2000: 22) apontam que: "sporting events need to have a history and a longevity to feel important".

Briggs e Burke e (2004) indicam a dificuldade do esporte em ser incorporado às seções das notícias consideradas "sérias" (economia, política etc.) no início da mídia impressa no século XVIII. O entretenimento era considerado de menor valor pelos detentores dos meios de produção e, por isso, muitas vezes impedido de ser impresso. Essa realidade mudou quando a venda de jornais passou a significar oportunidades de fazer bons negócios e prosperar. Nesse instante, o entretenimento em suas diversas formas – romances, peças de teatro, esportes etc. – passou a fazer parte das páginas dos jornais de maior circulação.

Atualmente, o esporte possui espaço de destaque nos jornais de maior circulação – com caderno exclusivo para notícias esportivas. Na grade dos canais de televisão a realidade não é diferente, os programas de esporte possibilitam ótimas audiências e os esportes transmitidos ao vivo alcançam picos de audiência na programação.

No final do século XX o esporte passou a ser visto como um produto valorizado no mercado por gerar os mais altos índices de audiência e proporcionar grandes possibilidades de lucro para os canais de televisão e anunciantes. O esporte de alto nível passa a ter nos canais de televisão um importante parceiro, para o financiamento das equipes e para a realização dos eventos esportivos. A parceria entre mídia televisiva e os esportes pode ser observada como um processo de interdependência. Por um lado, os canais de televisão formatam, em certos contextos, seus horários e a programação ordinária de acordo com o calendário dos eventos esportivos, por outro, alguns esportes realizam mudanças nas regras para se adequar aos padrões do espetáculo televisivo. Por exemplo, as televisões européias interferiram na composição do horário dos jogos nas Copas do Mundo de futebol de 1986 e 1994. "Both the 1986 finals in Mexico and the 1994 finals in the USA saw some of the matches being played during the hottest time of the day in order to provide European television with prime-time live football". (Boyle; Haynes 2000:54).

Não podemos esquecer que a exigência por bons horários para a transmissão dos jogos para o continente europeu se deu pelos patrocinadores das grandes equipes.

O sucesso obtido a partir de 1990 por atletas brasileiros, em modalidades esportivas antes pouco difundidas na mídia, criou um novo espaço para a celebração da capacidade do brasileiro triunfar em outras áreas para além do futebol.[3] Podemos citar alguns exemplos, como do iatista Robert Scheit, do tenista Guga, do skatista Bob Burnquist, ou ainda da ginasta Daiane dos Santos, como atletas vitoriosos que se tornaram subitamente celebridades no Brasil e no exterior. Alguns destes, como Guga, desfrutam de um reconhecimento internacional devido às expressivas e sucessivas conquistas no tênis internacional (Bartholo; Soares 2005). Cabe ressaltar que estamos especialmente interessados em entender como a imprensa divulga e apresenta os novos personagens e as modalidades esportivas que não estão popularizadas.

Os argumentos de Hall (2003), construídos a partir dos estudos sobre a comunicação de massa, parecem-nos fornecer o suporte necessário para entendermos como a imprensa apresenta novos personagens esportivos, candidatos a ícones do esporte nacional, e os esportes pouco difundidos que subitamente passam a ser pauta principal dos jornais. Hall (2003: 387) tem criticado o modelo comunicativo em termos de um circuito linear "emissor/ mensagem/ receptor". Em contraposição ao modelo linear, o autor propõe pensar o processo "em termos de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/ consumo, reprodução". Para que o circuito seja concluído os códigos empregados pelo emissor – aqui restritos à mídia impressa – devem ser decodificados pelos leitores.

> "Se nenhum "sentido" é apreendido, não pode haver "consumo". Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito" (Hall 2003: 388).
> "[...] Antes que essa mensagem possa ter um "efeito" (qualquer que seja sua definição), satisfaça uma "necessidade" ou tenha um "uso" deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo

> e ser significativamente decodificada. É esse conjunto de significados que "tem um efeito", influencia, entretém, instrui ou persuade, com consequências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas" (Hall 2003: 390).

O consumo ou a recepção da mensagem deve ser entendido como um dos momentos do processo de produção. É indispensável, porém, para que o circuito se estabeleça, que exista uma simetria entre os códigos da "fonte" e do "receptor" (Mattelart; Mattelart 2004).

Roland Garros 1997

A cobertura realizada pelo Jornal do Brasil do Torneio de *Roland Garros* se limitou, no início da competição, a dar notas sobre o desempenho de Guga. O tenista ocupava na época o ranking de número 66 da ATP. Porém, a imprensa passou a dar destaque para Guga após a vitória sobre o austríaco Thomas Muster – o quinto no ranking da ATP – na terceira rodada do torneio. A manchete de primeira capa do jornal trazia: "Kuerten se consagra em Paris" (JB: 31-05-1997, p.1). Algumas matérias no caderno de esportes traziam o perfil desse novo personagem que o grande público até então desconhecia.[4] As primeiras descrições de Guga nesse torneio são do jovem que gosta de música e surf, possui cabelos cumpridos, e joga com uniforme colorido – com as cores da bandeira nacional. Um tipo bastante diferente da imagem como era tradicionalmente representado o tenista, isto é, de cores brancas com comportamento sóbrio, apesar de alguns dos famosos tenistas não apresentarem esse padrão comportamental.[5]

No primeiro título de Guga – 1997 – não temos nenhuma referência à rotina de treinamentos do brasileiro[6] em *Roland Garros*, enquanto que em 2001, as reportagens passam a dar destaque aos treinamentos que Guga fazia com seu treinador Larri Passos, ressaltando que muitas vezes, o tenista saía direto do jogo para treinar mais algumas horas as deficiências

observadas durante a partida. Essa é uma das mudanças que se operam na cobertura de Guga quando comparamos 1997 com 2001.

Em 1997, a reportagem intitulada, "Kuerten decide vaga nas quartas", traz a primeira vinculação da imagem de Guga com o futebol brasileiro. O Jornal do Brasil noticia que o jornal francês *Le Monde* "[...] classificou seu jogo de fantasioso, e artístico como o futebol brasileiro" (JB: 01-06-1997, Caderno de Esportes, p. 9). À medida que Guga ia avançando no torneio sua imagem passou a estar cada vez mais atrelada à imagem da seleção brasileira de futebol: "Guga uma versão da nova seleção canarinho para as quadras de tênis. Quer dizer, da seleção ideal: corajosa, criativa e que joga sem nenhum temor do adversário" (JB: 03-06-1997, Caderno de Esportes, p. 22). O colunista Sérgio Noronha ao criticar a seleção brasileira de futebol afirma que a mesma poderia se inspirar em Guga. Cabe contextualizar que, no mesmo período em que Guga disputava *Roland Garros*, a seleção brasileira de futebol participava do Torneio da França. Nessa época, a imprensa brasileira criticava a seleção dizendo que o Brasil apresentava um futebol pouco criativo que fugia às características do estilo nacional.

"Guga, exemplo para a seleção", essa reportagem traz uma entrevista com Zagallo, técnico da seleção brasileira de futebol e alguns jogadores, na qual comentam o desempenho do tenista: "[Zagallo] Meu sonho é que a seleção na arrancada para a Copa de 1998 atinja o nível do nosso campeão." "[Ronaldinho – atacante da seleção brasileira] O garoto é sensacional. Torci o tempo todo. Parecia que havia feito um gol, tamanha a minha alegria" (JB: 07-06-1997, Caderno de Esportes, p. 19).

No sentido de emoldurar o fenômeno Guga, observamos pela primeira vez no dia 8-6-1997 a vinculação da imagem de Guga à do piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, morto no ano de 1994 durante corrida de automobilismo. A matéria apontava o tenista como um possível

substituto para o posto de ídolo nacional deixado por Senna. Esta vinculação Guga/ Senna só irá aumentar com as futuras conquistas.[7]

Deve-se ressaltar que a cobertura feita pelo jornal nessa fase final do torneio em nenhum momento narra aspectos técnicos ou táticos dos jogos disputados. Os jornais constroem narrativas sobre as vitórias de Guga a partir de elementos representativos da cultura nacional. No dia seguinte à vitória do tenista brasileiro em Roland Garros o jornal estampa na primeira página: "Guga vence e vira ídolo nacional" (JB: 9-6-1997, p. 1). No caderno de esporte, no mesmo dia, encontramos a matéria "Guga 6x3, 6x4, 6x2". Nesse contexto, que a seleção brasileira de futebol tinha empatado com a Itália, no Torneio da França, a imprensa eufórica com a vitória de Guga anuncia no Caderno de Esportes: "Que futebol que nada. Os entendidos no esporte mais popular do país e do planeta passaram o domingo analisando o desempenho de um novo herói nacional: o catarinense Gustavo Kuerten, 20 anos" (JB: 09-06-1997, Caderno de Esportes, p.1).

Sérgio Noronha, colunista de futebol do JB na época, também insatisfeito com o empate da seleção brasileira traz em sua coluna: "Se os brasileiríssimos Silva não acertam no futebol, o não menos brasileiro Kuerten se consagra no tênis. E com a mesma matéria dos nossos grandes jogadores, com o inesperado, a ousadia, a confiança e, sobretudo a alegria de jogar" (JB: 09-06-1997, Caderno de Esportes, p. 3).

Durante os dias que ficou na França comemorando a conquista do torneio de *Roland Garros*, Kuerten fez uma visita aos jogadores da seleção brasileira de futebol que lá estavam. Uma foto dos jogadores da seleção com Guga sai na primeira página do Jornal do Brasil no dia 10-6-1997. A celebração do maior feito de um tenista brasileiro na história deste esporte foi comemorada ao lado dos ídolos do futebol. Quando a imprensa relata o encontro de Guga, com a seleção brasileira de futebol para comemorar a vitória do tenista, ocorre "um alinhamento fundamental e uma reciprocidade – a consecução de uma equivalência – entre os lados

codificador e decodificador de uma troca de significados" (Hall 2003: 393). Este alinhamento se mostra indispensável para que o circuito de produção se concretize. A vinculação da imagem de Guga – e por conseqüência do tênis – com a seleção brasileira de futebol, nos parece ser um elemento importante na construção da imagem de ídolo popular do tenista.

Dessa seqüência de reportagens podemos visualizar três dimensões em jogo: a primeira, citada no início dessa seção, é quando o jornal francês *Le Monde*, portanto o "outro", identifica a singularidade do futebol brasileiro associando diretamente Guga por questões óbvias de pertencimento. Nesse caso, o olhar do "outro" legitima a visão que os brasileiros têm de si. A segunda dimensão se vincula ao contexto. *Roland Garros* acontecia no mesmo momento em que a seleção brasileira de futebol disputava o Torneiro da França, o que facilitou o vínculo da imagem. A terceira, engloba as duas anteriores, a gramática esportiva no Brasil está associada ao futebol por este ter se transformado historicamente em elemento identitário. Em outras palavras, Guga e *Roland Garros* devem ser emoldurados a partir dos significados presentes na cultura e na história (Boyles; Haynes 2000).

Roland Garros 2000

A cobertura do segundo título de *Grand Slam* de Guga no ano 2000 foi mais intensa por parte da imprensa se compararmos com 1997. Isto porque Guga, nos dois anos em que não ganhou o torneio –1998 e 1999 – foi se consolidando no circuito da ATP como um dos principais jogadores, ganhando o respeito da imprensa especializada, assim como, dos seus concorrentes no circuito.[8]

O mercado para o tênis passa a ser visível na imprensa nacional e em outros setores comerciais. O ex-jogador brasileiro de tênis Thomas Koch é contratado para publicar uma coluna durante a competição realizando análises técnicas. Podemos perceber uma mudança no foco das

notícias do torneio de 2000 em relação ao de 1997. Neste ano algumas matérias estarão mais preocupadas em narrar os jogos, utilizando para isto, uma linguagem específica do jogo de tênis, que possui muitas expressões em inglês desconhecidas pelo grande público. As três primeiras vitórias de Guga no torneio se limitam a narrar os jogos informando como transcorreram os *sets* e em que momentos o brasileiro abriu vantagem no placar ganhando os jogos.[9]

À medida que Guga se aproximava da final do torneio, as matérias passam a dar destaque para o fato de o tenista poder chegar à liderança da corrida dos campeões se vencer o torneio.[10] A penúltima partida do torneio foi mais uma vez muito disputada e as reportagens exaltam a maturidade do brasileiro para jogar bem nos momentos decisivos.[11]

A coluna de Thomas Koch, "Guga soube se impor" (JB: 10-06-2000, Caderno de Esportes, p.21), elogiava o equilíbrio mental ressaltando que a experiência adquirida em 1997 o estaria ajudando. As reportagens passam a narrar aspectos particulares do tênis, como a importância do equilíbrio mental durante as partidas, para relatar a campanha de Guga no torneio. As análises feitas por ex-tenistas trazem códigos restritos e nomenclaturas próprias do jogo podendo indicar, ao mesmo tempo, uma maior familiarização do público com a linguagem utilizada no tênis e/ou um processo educativo.[12]

No dia 11 junho de 2000, Guga conquista seu segundo título de *Grand Slam*, as matérias do dia seguinte trazem a festa da conquista: "Florianópolis pára para comemorar o título de Guga" (JB: 12-06-2000, Caderno de Esportes, p. 4).[13] Nesta reportagem temos a segunda referência feita ao futebol em toda a cobertura do torneio.

> "Um quebra-cabeça talvez seja a única maneira de explicar como Gustavo Kuerten, com apenas 23 anos, nascido numa cidade que não faz parte do eixo Rio- São Paulo, praticando um esporte que,

> no Brasil, teve dias de glória com Maria Esther Bueno, há quase 40 anos, sem continuidade depois, atingiu a posição de principal ídolo brasileiro" (JB: 12-6-2000, Caderno de Esportes, p.7).

O comportamento da imprensa aqui parece não necessitar, fundamentalmente, recorrer aos recursos narrativos que utilizou quando surge Guga em 1997.

Copa do Mundo de Lisboa 2000

Na primeira fase da competição, realizada no final da temporada do ano 2000, Guga venceu dois jogos e perdeu um, se classificando para a semifinal da competição. O brasileiro vinha sentindo dores nas costas durante toda a competição, que quase o obrigaram a desistir de disputar o torneio.[14]

Após garantir sua vaga na final do torneio ao derrotar Pete Sampras,[15] as matérias passam a se concentrar na possibilidade inédita de um tenista sul-americano terminar o ano como número 1 no ranking da ATP: "A volta ao topo do mundo" (JB: 03-06-2000, Caderno de Esportes, p. 6).

Na final do torneio Guga tem ótima atuação e derrota o norte americano Andre Agassi, que havia lhe derrotado no início da competição. Parece ser não apenas a confirmação de Guga como ídolo nacional, mas também do tênis como um esporte que atrai cada vez mais expectadores e admiradores dentro do Brasil. O caderno de esportes traz a manchete "O melhor do mundo: [...] Em menos de uma semana, Guga derrotou as feras Kafelnikov, Sampras e, na final de ontem, Andre Agassi [...] O Brasil do futebol se rendeu à bolinha amarela" (JB: 04-12-2000, Caderno de Esportes, p. 1).

Apesar de observarmos uma diminuição da vinculação da imagem de Guga com o futebol, se compararmos esta conquista com o título em 1997, ela ainda aparece, principalmente após a

confirmação do título.[16] O futebol é lembrado por representar a excelência e o signo principal da gramática esportiva brasileira.

A matéria "Ídolo dos ídolos" traz diversos depoimentos de ex-atletas brasileiros como: Hortência, Aurélio Miguel, Isabel etc;[17] todos exaltando a postura humilde que Guga tinha, apesar de todo o sucesso conquistado. Esta mesma matéria vincula mais uma vez a imagem de Guga ao ex-piloto Ayrton Senna. "Temos um ídolo. Quem nunca tinha ouvido falar em tênis, hoje fala de Guga. O posto vago desde a morte de Ayrton Senna, em 1994, tem um ocupante." (JB: 04-12-2000, Caderno de Esportes, p.10).

Como pudemos observar, a vinculação da imagem do tenista com a de Ayrton Senna aconteceu ainda em 1997 e foi se fortalecendo a medida em que Guga ia conquistando novos títulos. O "posto vago" mencionado pela reportagem nos parece merecer uma maior atenção por parte dos pesquisadores da área. Ayrton Senna havia se tornado, assim como Guga estava se tornando, um grande ídolo em nossa sociedade. Um mapeamento da trajetória do piloto, buscando entender como foi construída sua imagem pela imprensa, parece relevante para entendermos o processo de identificação entre atletas e sociedade.[18]

Este interesse por parte dos populares pelo "novo" esporte nos parece ficar explícito na reportagem: "Brasileiro quer aprender mais sobre tênis: Guga é considerado o novo herói, mas as pessoas não entendem significado de algumas palavras" (JB: 05-12-2000, Caderno de Esportes, p. 5). Nessa matéria temos o depoimento de um atendente de adega, de um comerciário, de um mecânico e de um engenheiro. Todos afirmaram admiração por Guga, mas também disseram que não tiveram como assistir aos jogos. Essa informação pode ser parcialmente entendida na medida em que os jogos de tênis na sua imensa maioria são transmitidos apenas por canais fechados, o que impossibilita que a grande maioria da população acompanhe os jogos.

Roland Garros 2001

A cobertura do torneio de *Roland Garros* do ano de 2001, inicia com a manchete "Guga começa campanha pelo tri" (JB: 28-5-2001, Caderno de Esportes, p. 8). Guga chega como cabeça de chave número 1 do torneio e líder do ranking da ATP. O brasileiro havia feito uma boa campanha nos torneios preparatórios, que antecedem *Roland Garros*, e era apontado pela mídia especializada internacional como um dos grandes favoritos para a conquista daquele ano.

Nas duas primeiras rodadas da competição Guga vence pelo mesmo placar: 3x0. As matérias exaltam a maturidade alcançada pelo tenista nestes anos em que se manteve entre os melhores do mundo. Na terceira rodada do torneio Guga vence por 3x1, a manchete destaca "Guga acaba com trauma do *tie-break*" (JB: 2-6-2001, Caderno de Esportes, p. 21). O jogo da quarta rodada é o mais equilibrado enfrentado por Guga durante toda a competição. O jornalista mais uma vez utiliza na manchete terminologia própria do tênis para narrar as ações. "O desconhecido Russel venceu os dois primeiros sets, teve *match-point* no terceiro, mas permitiu a reação do brasileiro" (JB: 4-6-2001, Caderno de Esportes, p. 1). A gramática do futebol desaparece.

Como aconteceu nos anos de 1997 e 2000, Guga encara o russo Kafelnikov nas quartas de final do torneio. As matérias que antecedem este jogo destacam a coincidência. "Brasileiro e russo fazem terceira edição do duelo das quartas-de-final em Roland Garros. Das outras duas vezes, Kuerten virou" (JB: 5-6-2001, Caderno de Esportes, p. 21).

A vitória de Guga contra o russo coloca Guga nas semifinais da competição. Nesse momento as matérias passam a ressaltar a possibilidade de Kuerten – se vier a conquistar o torneio – unificar os dois ranking da ATP. Os dias que antecedem a grande final trazem as manchetes, "O rei Guga vai buscar a coroa" (JB: 8-6-2001, Caderno de Esportes, p. 24) e "Guga pode ter liderança e igualar mitos do saibro" (JB: 10-6-2001, Caderno de Esportes, p. 28).

Gustavo Kuerten mais uma vez vence *Roland Garros*, desta vez batendo na final o espanhol Alex Corretja pelo placar de 3x1. A primeira página do jornal traz uma foto de Guga com a taça e a manchete "A apoteose de Guga", subtítulo "Tri em Roland Garros, ele alcança a posição de mito do tênis" (JB: 11-6-2001, p.1). Nesta reportagem o jornal busca explicar a dimensão do feito atingido pelo brasileiro, mostrando os campeões do passado, colocando Guga como um dos dez maiores vencedores da história do tênis mundial. O caderno de esportes traz a manchete "Com o terceiro título na França, Guga unifica rankings e fica entre os 10 maiores da história" (JB: 11-6-2001, Caderno de Esportes, p. 1). Nesta reportagem temos a primeira referência ao futebol brasileiro em toda a cobertura do evento.[19]

> "Confesse. Quando o espanhol Alex Corretja abriu 2/0 no segundo set, depois de ter vencido o primeiro por 7/6, o medo de assistir a velha história, passada na mesma Paris, há três anos, veio à tona. O drama da seleção superfavorita, mas derrotada pela Franca por inapeláveis 3 a 0 no gramado do State de France, estaria atacando Gustavo Kuerten?" (JB: 11-6-2001, Caderno de Esportes, p. 1)

Repare que a matéria, mesmo ao fazer referência a derrota da seleção brasileira de futebol em 1998, utiliza terminologia específica do tênis para narrar o momento de tensão vivido por Guga no segundo set. É mencionado o fato de Guga ter perdido por 7x6, o que para um leigo em tênis essa informação poderia nada significar, porém para um *expertise* na contagem do jogo isso significaria equilíbrio no primeiro set. Ao mencionar a vantagem de 2x0 no segundo set, a matéria faz referência a uma "quebra de serviço" sofrida por Guga, o que poderia ser suficiente para decretar sua derrota também no segundo set. Para os mais familiarizados com os jogos de tênis disputados em melhor de cinco sets, sair perdendo os dois primeiros sets torna a virada uma façanha dificílima, até então nunca realizada em uma final de *Roland Garros*. O nível de conhecimento do jogo de tênis necessário para entender a narrativa do jornalista é considerável,

bem diferente do ano de 1997, quando as matérias se concentravam nas cores da roupa de Guga e seu "jeito de surfista".

Conclusão

Ao longo da análise das reportagens parece ficar claro a intenção do jornal – na cobertura de 1997 – de vincular a imagem deste novo personagem a partir das linguagens já existentes na cultura esportiva nacional. Isso chama atenção para o papel desempenhado pelo futebol - profundamente naturalizado em nossa cultura - como fornecedor de códigos que se generalizam para entender outras manifestações esportivas, no sentido de Hall (2003). O autor nos chama a atenção que apesar desses códigos naturalizados produzirem reconhecimentos aparentemente "naturais", eles sempre são a construção de uma cultura específica.

As narrativas buscam desconstruir a imagem tradicional do tênis, visto por muitos como um esporte de elite, associando a figura de Guga, loiro com sobrenome alemão, à identificação nacional, a saber: 'é um moleque alegre tal como o povo é'.[20]

Noutra direção, o processo de socialização do público com o tênis, seus códigos e regras não foi tão rápido quanto a associação do candidato a ídolo com a narrativa identitária. A partir de 2000, Guga assume o posto de tenista número 1 do mundo e se torna um ídolo nacional. Porém, a manchete a seguir comunicava o seguinte: "Guga é considerado o novo herói, mas as pessoas não entendem significado de algumas palavras" (JB: 5-12-2000, p. 5). A mensagem indica que apesar da popularização do jogo e do atleta, as regras do esporte ainda não estavam socializadas entre os admiradores do novo ídolo. O público entrevistado nessa reportagem era constituído de pessoas, em sua maioria, pertencentes às camadas populares e o público leitor do Jornal do Brasil pertence às camadas médias e altas da sociedade brasileira. A realização de pesquisas voltadas para recepção das mensagens esportivas e como essas influenciam a prática

dos esportes no cotidiano se tornam necessárias, tanto nos estudos culturais quanto nos pedagógicos.

Referencias

ARCHETTI, Eduardo. 2003. *El potrero, la pista y el ring: Las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge. 2005. A mídia e os dilemas identitários do atleta no século XXI: o conflito Guga e os patrocinadores na imprensa. (Cd- room) VI Reunião de Antropologia do MERCOSUR. Montevidéu.

BOYLE, Raymond; HAYNES, Richard. 2000. *Power Play: sport, the media and popular culture*. Edinburgh Gate: Pearson Education Limited.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. 2004. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DA MATTA, Roberto (org). 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke.

HALL, Stuart. 2003. "Codificação/ Decodificação" In: Hall, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Brasília: Editora UFMG: 387-404.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. 2001. A *invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge. 2003. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. Anais Recife COMPÓS 2003 (CD-room). XII Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação em Comunicação.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. 2004. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Editora Loyola.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Sobre os autores:

Antonio Jorge Gonçalves Soares é doutor em Educação Física, professor do Programa de pós-graduação em Educação Física na **Universidade Gama Filho/Universidade Federal do Espírito Santo** no departamento de Educação Física. **Bolsista de produtividade do CNPq.**

Tiago Lisboa Bartholo é mestrando do Programa de pós-graduação em Educação Física da **Universidade Gama Filho**. **Bolsista do CNPq**.

Correspondência
Antonio Jorge Soares
Universidade Gama Filho – Programa de pós-graduação em Educação Física/ Brasil
Rua Manoel Vitorino 653 - Piedade - CEP 20748.000. Rio de Janeiro/ RJ. Brasil
ajsoares@globo.com

[1] A partir do ano 2000 a ATP passou a utilizar dois ranking mundiais: a) ranking de entradas que é medido pela soma dos resultados do atleta nos últimos 12 meses e que serve como parâmetro para os sorteios das chaves; b) ranking da corrida dos campeões soma apenas os resultados do ano que está em disputa.

[2] O torneio de *Rolang Garros* faz parte do circuito *Grand Slam* que possui ainda outros três torneios: Aberto da Austrália, Aberto da Inglaterra – *Wimbledon* – e o Aberto dos Estados Unidos – *US. Open*.

[3] Podemos apontar no Brasil, dentre as diversas modalidades esportivas existentes, o futebol como um expoente na construção da identidade nacional e campo de invenção e tradições. Ver DaMatta (1982), Helal, Soares e Lovisolo (2001) e Pereira (2000).

4 Ver "Conquista com nervos de aço" – JB: 31-05-1997, Caderno de Esportes, p.22.

5 Ver reportagem "Estilo Mulambo conquista torcida" – JB: 3-6-1997, Caderno de Esportes, p.22.

6 Em determinados momentos a narrativa da imprensa nos parece passar a idéia que Guga é um surfista, que de vez em quando pratica tênis, deixando de destacar por completo a rotina diária de treinamento que um atleta profissional possui.

7 Ver "Final entre Kuerten e Bruguera faz o torcedor reviver domingos da Era Senna" – JB: 8-7-1997, Caderno de Esportes, p.1.

8 Ver "Campeão dentro e fora das quadras" – JB: 28-5-2000; Caderno de Esportes, p.8; e "Guga estréia em Roland Garros" – JB: 29-5-2000, p.1.

9 Ver "Um começo arrasador de Guga" – JB: 30-5-2000, Caderno de Esportes, p.22; "Guga leva susto, mas se classifica" – JB: 1-6-2000, p.21; "Chang não resiste a Guga" – JB: 3-6-2000, Caderno de Esportes, p.25; "Guga vence e agora enfrenta Kafelnikov" – JB: 5-6-2000, p.1.

10 Ver "Guga pode se tornar o número 1 amanhã" – JB: 8-6-2000, Caderno de Esportes, p.27.

11 Ver "Guga reage e está na final" – JB: 10-6-2000, Caderno de Esportes, p. 21; e "Guga a caminho do Bi em Paris" – JB: 10-6-2000, Caderno de Esportes, p.26.

12 Cabe ressaltar, que apesar de não ter ganhado torneios do circuito Grand Slam nos últimos três anos, Guga se manteve entre os 20 melhores do mundo durante este período, participando de 10 finais e ganhando 6 títulos em torneios da ATP: Stuttgart (1998), Mallorca (1998), Masters Series de Monte Carlo (1999), Masters Series de Roma (1999), Santiago (2000), e Masters Series de Hamburgo (2000). Podemos afirmar que neste período entre 1997 e 2000 Guga teve uma presença constante nos noticiários esportivos brasileiro.

13 Ver "Guga é número 1" - JB: 12-6-2000, p.1, "Guga conquista Bi em Roland Garros em final épica e passa a ser número 1 do mundo" - JB: 12-6-2000, p.1, "Um campeão com amigos e simpatia" - JB: 12-6-2000, Caderno de. Esportes, p.4.

14 Ver "Guga vence e ainda sonha com o topo" – JB: 1-12-2000, Caderno de Esportes, p.7.

15 Ver "A vitória da superação do 'leão' Guga" – JB: 2-12-2000, Caderno de Esportes, p.8.

16 Ver "Simpatia de Guga encanta Portugal" – JB: 4-12-2000, Caderno de Esportes, p.8.

17 Hortência integrou a seleção brasileira feminina de basquete do Brasil sendo considerada uma das mais importantes jogadoras da história do basquete nacional. Aurélio Miguel é ex-judoca vencedor de duas medalhas Olímpicas. Isabel integrou a seleção brasileira feminina de Vôlei do Brasil.

18 Archetti (2003: 70) fala da incorporação da prática do automobilismo esportivo pela sociedade argentina. Este esporte era "la expresión máxima de la modernidad, la unidad entre productos industriales y destrezas indivuduales"
19 Se relembrarmos a cobertura da imprensa em 1997 o vínculo Guga/seleção brasileira apareceu no quarto jogo do brasileiro. Em 2001 a imagem de Guga só foi ligada a da seleção de futebol após a conquista do título. Devemos ressaltar porém, que em 1997 a imprensa só passou a acompanhar a trajetória do brasileiro de forma mais sistemática a partir da terceira vitória do brasileiro.
20 Ver "Glória ou glória" – JB: 8-7-1997, Caderno de Esportes, p.1 e "Quebra-cabeça chamado Guga" – JB: 12-6-2000, Caderno de Esportes, p.7.